



A prática da pesquisa e as razões da prática científica ou a ciência como arte de construção

Madel T. Luz

O conjunto de notas a seguir é uma paráfrase à postura metodológica de Pierre Bourdieu em seu trabalho de pesquisa e ensino, nas duas décadas que precederam sua morte, caracterizadas pela referência de sua produção teórica à atividade da pesquisa como uma prática social contínua, construída pelo praticante no diálogo constante com seu tema de pesquisa e com os sujeitos em investigação. Pretendem também referir-se à postura de combate ao metodologismo e ao teoricismo atribuídos ao autor, ao filiar a ordenação de seus esquemas conceituais, métodos e técnicas de pesquisa, à prática coletiva do processo teórico - ou pelo menos grupal - dos objetos em construção.

Do mesmo modo, quando este submete a seleção dos seus instrumentos teóricos e metodológicos à definição conceitual que supõe toda atividade de investigação, embora sempre numa perspectiva processual, isto é, situada num contexto específico histórico-social, que todo tema ou "sujeito" (*objet*) de investigação supõe, explicitando a interação constante entre o "objeto" de pesquisa (isto é, o quê ou quem é investigado) e o "sujeito" (quem investiga, isto é, o pesquisador, seja ele individual, grupal, coletivo). Preferimos empregar aqui a expressão originariamente francesa porque ela exprime melhor que "objeto" a ideia de um tema teórico a ser construído na pesquisa, e que é mais um "sujeito" que um "objeto", na medida em que interage com o pesquisador, modificando suas hipóteses iniciais, reorientando seus procedimentos metodológicos, suas explicações ou interpretações teóricas, podendo mesmo mudar sua visão de mundo. Neste sentido, o "objeto" de pesquisa constrói de certo modo o sujei-

1 Basicamente temos como referências: BOURDIEU, P. O Poder Simbólico, Lisboa DIFEL, 1989; BOURDIEU, P. (com Loïc J.D. Wacquant) Réponses – Pour une Anthropologie Reflexive ; Paris, Seuil, 1992;

to investigador. A ideia de “sujeito de pesquisa” (que corresponde mais a um assunto claramente definido que a um tema de pesquisa, como é frequentemente traduzido) afasta um pouco a passividade implícita na concepção de objeto de pesquisa. Adiante voltaremos a esse assunto.

Embora essas notas tenham como base obras deste autor², sem dúvida um dos maiores nomes da Sociologia na segunda metade do século 20, não se trata de trabalho de um especialista em Pierre Bourdieu: nem concernindo a metodologia desenvolvida em sua prática de pesquisa, nem – sobretudo - a teoria sociológica por ele elaborada. E nem poderia sê-lo, pois a base bibliográfica utilizada nessas notas seria muito estreita, considerando-se a extensa lista de livros e artigos escritos pelo autor individualmente, sem mencionar a quantidade de artigos e de livros escritos, em suas quatro décadas de atividades, com outros pesquisadores³.

Trata-se de reafirmar aqui, inspirada na obra de Bourdieu, a prioridade, para a geração do conhecimento, da atividade da pesquisa, isto é, da prática da teoria através da contínua construção e reconstrução dos temas e instrumentos de investigação. Submetemos, assim, a lógica da produção do trabalho (necessariamente teórico) à prática da construção dos instrumentos conceituais e metodológicos que acompanham o desenrolar das atividades de investigação. Com essa atitude procura-se eliminar, ou pelo menos combater, o duplo vício do teorismo, que propõe teorias ou esquemas conceituais prévios que buscam “enquadrar” objetos de pesquisa antes mesmo que esses sejam construídos, sendo ainda simples temas, e do metodologismo como discurso formalista, que tem constituído, a priori, métodos e técnicas qualitativos ou quantitativos mandatários, que acabam funcionando como camisas de força de procedimentos para a transformação de temas de pesquisa em objetos de investigação. Em outras palavras, pretende-se afirmar, no desenrolar dessas notas, em acordo com a postura de Bourdieu, que a própria atividade da pesquisa pode ser a matriz geradora dos instrumentos conceituais e metodológicos nas ciências humanas e sociais, e que estes podem e devem ser utilizados como “caixas de ferramentas” (“*boite à outils*”).

2 Bourdieu P. (coord.) *La Misère du Monde*, Paris, Seuil, 1993; Bourdieu, P. *Razões Práticas – Sobre a Teoria da Ação*; Campinas, Papirus, 1996.

3 Na obra *Réponses*, aparecem listados numa contracapa interior 23 livros de Bourdieu, só, ou com outros autores. Na parte bibliográfica do livro, aparecem oito páginas (245-253) listadas por ano de trabalhos de Bourdieu, com ou sem co-autoria. Considerando-se que o livro é de 1992 e que o autor continuou a produzir...

4 Ver a este, propósito, WACQUANT, L.J.D. in BOURDIEU, P. avec Loïc J.D. *Wacquant Reponses*, op.cit. Introduction, p.30-34.

A prática da pesquisa como Arte de produzir conhecimento

Não seria adequado que o termo pesquisa científica fosse tomado aqui como geralmente o é: como adjetivo, isto é, como um juízo de valor epistemológico que atribui autoridade intelectual indiscutível à ciência, assim como o papel de produtora legítima - geralmente única - de verdades positivas. Ou, como afirmaria Foucault, de positividades. Ou ainda, em termos consagrados, de conhecimento. Pretende-se referir aqui a um modo específico de produção de afirmações explicativas ou interpretativas de eventos, situações ou estruturas de relações sociais específicas, isto é, envolvendo os diversos campos do viver, do relacionar-se e do agir humanos que busca, através da prática da investigação, rigor, coerência, consistência e imparcialidade como fontes epistemológica e ética do esclarecimento e interpretação de eventos, situações, ações e relações.

A referência, no caso em questão, é às ciências humanas em geral, mais particularmente às disciplinas conhecidas como ciências sociais (sociologia, antropologia, história, política), sobretudo a sociologia, embora se acredite que o conjunto das disciplinas das ciências naturais também pode ter o mesmo objetivo e mesmas atitudes diante da sua positividade científica. Acredita-se mesmo ser este o núcleo comum de racionalidade e de ética do que se poderia chamar, referindo-se à categoria elaborada por Bourdieu, de campo científico. Embora se saiba que Pierre Bourdieu estudou preferencialmente o campo científico do ponto de vista da sociologia, isto é, em termos da distribuição do poder simbólico, das estratégias e lutas histórico-sociais de agentes em disputa de lugares pelo controle neste campo específico - a alusão aqui é a um *ethos* da prática científica comum a qualquer campo do conhecimento, independente dos objetos que constrói, que se manifesta na atividade de pesquisa, e que é visto como ponto de partida da ação de cada pesquisador, gerando um *habitus*⁵ específico nesse agente, se ele pretender ser admitido ou mantido como ator em seu campo de pesquisa⁶.

E essa atividade prática da produção do conhecimento verificável, pelo que se tenta demonstrar neste artigo, apresenta paradoxalmente as características de uma arte, na medida em que é praticada por um autor (pesquisador) que produz um fruto de conhecimento dito ciência, como afirma Bourdieu.

5 Uma das categorias analíticas centrais elaborada por Bourdieu é a de *habitus*, entendida como ética do proceder à atividade, seja na pesquisa seja em outros agires, como na arte, na artesanaria, na tecnologia, na clínica, etc.

6 É claro que este *ethos* é frequentemente posto em questão e desrespeitado pela norma central da produção científica institucionalizada, que é a competição entre os agentes "trabalhadores" da pesquisa, a busca de sucesso como marca social da competência, e a luta para alcançar o topo da hierarquia na instituição acadêmica, *locus* social básico da produção científica.

A atividade da pesquisa se revela, neste caso, como uma artesanaria, em que o diretor ou coordenador de pesquisa funciona como um diretor artístico ou mestre artesão, e sua equipe de pesquisa como conjunto de colaboradores, e seu “laboratório” ou “unidade” de pesquisa⁷ funciona como um atelier.

Em outras palavras, o conhecimento é produzido e apropriado coletivamente a partir do ensinar a fazer e do dirigir teórico de um “mestre artesão”, isto é, do ensinar a fazer ciência. Independentemente da disciplina ou dos saberes pluridisciplinares em ação. É uma prática teórica – a ciência - que se aprende ao praticar metodicamente a teoria em construção, ou, para empregar a expressão francesa, como um “*savoir faire*”, um saber fazer específico, denominação usada para definir saberes tradicionais que se aperfeiçoam pela prática, a qual se modifica continuamente, aperfeiçoando-se, mas mantendo suas raízes históricas de criação.

7 A referência às expressões “*laboratoire*” ou “*unité de recherche*” situa uma realidade mais francesa que brasileira, é forçoso reconhecer, em que as equipes ou grupos de pesquisa estruturados, inclusive nas Ciências Sociais, são a unidade básica de produção. Em outras palavras, este não é até presentemente, o cenário organizado dominante na produção científica do Brasil, mesmo considerando as transformações institucionais de meio século para cá devidas à criação de agências estatais como Capes e CNPQ, ou civis, como as organizações universitárias por disciplinas ou ramos pluridisciplinares, ou mesmo a que reúne todos os ramos do conhecimento, no caso a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).